

# LEITURA E EXPERIÊNCIA DE POESIA EM TEMPOS DE INDIGÊNCIA

Maria Silva Prado LESSA\*

■ **RESUMO:** E por que poesia em tempos de indigência? Sugerimos uma torção na questão originalmente proposta num verso de “Pão e vinho”, poema de Hölderlin, e um deslocamento da Alemanha oitocentista à universidade pública brasileira de 2023. O sentimento de crise que atingiu dimensões imprevisíveis a partir de março de 2020 não é novo, tampouco resultado *apenas* da pandemia num dos países mais afetados pelo coronavírus. Neste artigo, apresentamos pressupostos da pesquisa “Experiência de poesia: um projeto poético para tempos de indigência”, refletindo sobre a perda progressiva do sentido do mundo nos últimos anos, provocada pela combinação indigente da pandemia de Covid-19 com desemprego, luto, solidão e ensimesmamento e seus impactos no trabalho com poesia em sala de aula com alunos da graduação em Letras. Partimos da concepção de Poesia apreendida do nosso trabalho com a obra-vida de Mário Cesariny, em seu diálogo surrealista e romântico: uma afirmação – não necessariamente vinculada à escrita de versos – de um modo de vida revoltado e apaixonado, erguido cotidianamente contra o cotidiano de modo a lançar luz sobre uma produção incessante de imagens do desejo. Será possível, então, operar um retorno à produção escrita para perceber os poemas como potências disruptivas e perturbadoras dos limites imaginativos instaurados pela retórica da crise permanente e seus efeitos cotidianos. Parece-nos urgente a adoção de outras estratégias didáticas para o acesso a uma experiência com a poesia num cenário de crescente miséria e violência, que incidem diretamente sobre as possibilidades de realização libertadora da imagem poética.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Poesia. Pandemia de Covid-19. Surrealismo. Ensino de poesia.

## Apresentação

Em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde o início de 2023, o

---

\* Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Pós-Doutorado Nota 10 / FAPERJ, com o projeto “Experiência de poesia: um projeto poético para tempos de indigência”, desenvolvido no PPGLEV-UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora do livro *Mário Cesariny: a obra ou a vida* (2022), editada pela Documenta/Sistema Solar e pela Fundação Cupertino de Miranda. Contato: mariasplessa@gmail.com

projeto “Experiência de poesia: um projeto poético para tempos de indigência” tem como pressuposto fundante a concepção surrealista da coincidência explosiva entre poesia e vida. Definida nas palavras de ordem “mudar o mundo, mudar a vida” e “é preciso sonhar, é preciso agir”, a elaboração surrealista em ato apresenta a união de Marx e Rimbaud e de Lenin e Goethe como maneira de responder com a potência da poesia, do sonho e do desejo ao imperativo político e ético da transformação da realidade indigente em que vivemos. O viés do projeto é predominantemente prático e interventivo (poético-político e pedagógico), voltado para o ensino de leitura de poesia na universidade pública no período da pós-pandemia, nossos correntes “tempos de indigência”.

No poema “Pão e vinho”, de Hölderlin, encontramos a célebre expressão que dá título ao projeto em curso. Os “tempos de indigência”, por vezes traduzidos como “tempos sombrios”, são formulados num verso com uma pergunta: “para quê poetas em tempos de indigência?”. No pensamento e no poema de Hölderlin, o tempo de indigência é aquele da separação entre humanos e deuses, em que uns esquecem-se dos outros, e em que há uma “pobreza poética”. Como explica Pedro Sússekind, trata-se de um tempo em que há “uma indigência de signos e sentidos na falta da experiência do divino” (SUSSEKIND, 2007, p. 33):

A experiência do divino descrita por Hölderlin nada mais é do que a experiência da poesia, de uma embriaguez da palavra transbordante, de um olhar para a natureza que enxerga, nela, o mistério, o sagrado, a força criativa, os signos e os significados dignos de serem cantados. Nessa concepção, a poesia é a celebração de uma experiência única, de uma capacidade de ver as coisas como se fosse pela primeira vez, como se fosse no exato instante de seu surgimento e como se a palavra ressoasse a riqueza e a complexidade desse olhar. (SUSSEKIND, 2007, p. 33)

Ao perguntar, hoje, “e por que poesia em tempos de indigência?”, sugerimos de partida um deslocamento da Alemanha oitocentista à universidade pública brasileira de 2023. Nosso interesse é, também, propor uma leve alteração na pergunta de Hölderlin, indagando não tanto a dimensão da função da *produção* poética em tempos de indigência que se encontra sob o signo da figura do poeta, mas sobretudo a função e o sentido do *contato* com a poesia no nosso tempo pandêmico e pós-pandêmico, em que a exigência da necessidade parece estabelecer uma hierarquia das carências, estando a poesia num dos últimos lugares da fila. A hipótese norteadora é a de que é necessário revisitar as práticas de leitura e interação dos alunos com a produção poética em língua portuguesa com o objetivo de garantir o direito fundamental à experiência poética — compreendida como potência perturbadora dos limites imaginativos instaurados pela retórica da crise permanente e de seus efeitos cotidianos. Neste artigo, apresentaremos a pesquisa

e nossas propostas de trabalho, relatando em primeira pessoa os primeiros desenvolvimentos da investigação.

## **1. Poesia e quarentena: aprender e ensinar**

A partir de 2018, comecei a atuar como professora “ocasional” de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Como pesquisadora em início de carreira acadêmica, conciliei os dois primeiros anos do doutorado (2018-2019) com um contrato temporário de professora substituta. Em julho de 2021, iniciei um novo contrato de substituta na UFRJ. Naquele momento, eu concluía a minha tese, dedicada à obra-vida de Mário Cesariny, na qual eu desenvolvia pouco a pouco uma ideia de poesia-experiência, de poesia como aventura experiencial e, portanto, como algo que acontece na ultrapassagem do espaço das palavras do poema para uma saída ao espaço cotidiano.

A pesquisa revelou que a poesia de Cesariny cedo se apresentou como uma experiência, que em muito ultrapassa a sua compreensão como arte literária, como uma arte das palavras ou mesmo como uma “‘arte’, no sentido que a palavra tomou nos dois séculos burgueses” (CESARINY, 1985, p. 173). Cesariny insiste que a poesia – sinônimo de surrealismo – é, para ele, uma saída da Literatura, uma saída da galeria de arte, uma explosão dos museus. Trata-se, mais propriamente, de uma afirmação de um modo de vida revoltado e apaixonado, erguido cotidianamente contra o cotidiano de modo a lançar luz sobre uma produção incessante de imagens do desejo. Que essa produção de imagens venha através da pintura, da colagem, da poesia escrita, de objetos híbridos, do pronunciamento público, da intervenção, do *happening* dos saltos mortais sobre as mesas de um café ou de um modo de encarnar uma postura pública de poeta vagabundo e anti-trabalhador leva-nos a pensar numa incessante desespecificação do objeto artístico e numa subversão mesma da compartimentalização da produção poética em diversas “artes”. Essa modo segmentado de compreensão do fazer, se nos ajudaria didaticamente a compreender uma “história da arte”, ajuda também a legitimar um certo discurso político e ideológico que se quer apresentar como neutro e imparcial, e que nos diz que um livro é apenas um livro, um filme é apenas um filme, um quadro é apenas um quadro, um poema é apenas um poema, pacificando e enfraquecendo aquilo que é próprio da produção poética: seu potencial perturbador, criador, questionador, desconfortável, violento e cruel contra a “realidade” que nos impõem como a única existente.

No retorno à UFRJ como professora durante a crise sanitária global que atravessávamos ainda sem ver a porta de saída, eu encontrava um cenário de extrema contradição com o mergulho na poesia cesariniana na minha solidão pandêmica. Atravessando o último ano e meio de pandemia, de isolamento e de luto, mas também de estudo, elaboração e escrita constantes, Mário Cesariny era um habitante da

minha casa dado a deambulações imprevisíveis e que me carregava, muitas vezes, embarcada no seu “navio de espelhos”, ensinando os sentidos da poesia num tempo sombrio.

No texto “O retorno do épico: a nau e a nave”, de Jorge Fernandes da Silveira, encontramos uma longa frase, reformulada na conferência apresentada ao XXIX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa. Em 2010, Silveira escrevia, após um comentário-colagem de versos de O’Neill e Eugénio:

estes versos [os de O’Neill, em “Um adeus português”, e Eugénio, em “As palavras interditas”], repito, levantam a hipótese, literalmente em curso, de a interlocução entre versos ser lida como a construção de uma linguagem capaz de, em correspondências, dizem como em estados de censura, de proibição do livre trânsito da palavra, a poesia aprende a dizer, soletra, diz, e ensina a dizer, escreve o sentido de falar de liberdade em tempos de opressão, de fazer poemas como se fossem ‘notícias do bloqueio’ [citando Egito Gonçalves] por meio da troca de versos entre poetas ao mesmo tempo solitários e solidários com e por imagens. (SILVEIRA, 2010, p. 34)

Na conferência de setembro de 2023, o pesquisador substituiu, progredindo sobre o seu próprio texto e sobre o tempo de desenvolvimento do projeto sobre a interlocução de imagens, as palavras “liberdade” e “opressão”. O resultado foi: “a poesia aprende a dizer e ensina a dizer, escreve o sentido de falar de **amor** em tempos de **cólera**, de fazer poemas como se fossem ‘notícias do bloqueio’ por meio da troca de versos entre poetas ao mesmo tempo solitários e solidários com e por imagens”.

Dando continuidade à lição de Luiza Neto Jorge de que “O poema ensina a cair”, Adília Lopes tem também algo a dizer sobre os sentidos do ensino e da aprendizagem da poesia durante a pandemia de Covid-19. Parafraseando Luiza e Roland Barthes, para quem “todas as ciências estão presentes no monumento literário”, sendo a literatura “verdadeiramente enciclopédica” no sentido de que “faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso” (BARTHES, 2013, p. 17-18), o poema de *Dias e dias*, vem participar do diálogo:

Aprendi num poema de Fleur Adcock que podia comer pão com queijo e tomate. Nunca tinha experimentado acrescentar tomate ao pão com queijo. A literatura ensina-me tudo.

23-V-2020. (LOPES, 2020, p. 49)

Em outro poema do livro, central para a hipótese do sentido de ler poesia neste nosso tempo de indignância, escreve:

Quarentena

Estar em casa  
estar a estar  
dias e dias

26-IV-2020 – 11h14 (LOPES, 2020)

Trata-se do 24º poema de *Dias e Dias*, publicado em setembro de 2020, durante o momento mais crítico da pandemia de coronavírus que mudou definitivamente todas as nossas vidas. Num livro de 44 poemas totais, organizados seguindo um critério predominantemente cronológico, que podemos acompanhar devido à aposição de datas no final de quase todos os poemas do livro, o poema acima está localizado quase a meio de *Dias e dias*. Em sua aparente crueza, ele surpreende o leitor que acompanha os fragmentos da experiência dos mínimos trazida na obra, sua atenção aos caminhos que se podem seguir dentro de um mesmo apartamento, às louças guardadas num armário, às memórias de infância suscitadas por esses pequenos tesouros, potências que nos abrem momentaneamente uma janela para vislumbrar o lado de fora do cotidiano em isolamento, saindo num átimo dos cômodos repetidos, dos pensamentos repetidos, dos gestos repetidos.

O poema surpreende ao nos transportar, com uma impressionante economia vocabular, imediatamente, à comunidade em quarentena. Isso não significa dizer que os outros poemas não o façam, ou que não refiram a “quarentena do coronavírus”. Muito pelo contrário. Esta é uma expressão que aparece em mais de um poema do pequeno volume. Em um deles, lemos:

É a quarentena do coronavírus. Não devo sair de casa. Tenho 60 anos, hipertensão e diabetes. Vivo sozinha. Não tenho net, não tenho televisão. Nem um candeeiro tenho para ler e escrever. Os trocos são poucos. Mas sou feliz. Tenho uma telefonia de pilhas que me deu uma amiga. Pelas quatro da tarde oiço na Antena 2 os programas *Pausa para dançar* e *Há cem anos*. Gosto muito destes programas. Aprendo muito, oiço músicas bonitas.

31-III-2020

(LOPES, 2020, p. 21)

O poema acima representa mais fielmente o tipo de escrita que encontramos em *Dias e dias*: textos curtos em prosa, narrativos, com a simplicidade lexical

característica de Adília costurada à complexidade memorial – na aparência, limitada ao particular e autobiográfico – de uma aguçada leitura de outros autores. Neste caso, o poema “Contrariedades”, de Cesário Verde – o da vizinha que mora em frente ao personagem do poeta “frenético”, a engomadeira que vive sozinha, “mal ganha para as sopas”, e é a doente dos pulmões que canta à tarde:

Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,  
Oiço-a cantarolar uma canção plangente  
Duma opereta nova!  
(VERDE, 2009, p. 37)

A personagem do poema de Adília não é exatamente tísica, mas é hipertensa e diabética; não cantarola a canção plangente duma opereta *nova*, mas ouve à tarde num radinho a pilha músicas para dançar e um programa de rádio que recupera a imprensa portuguesa de um século atrás, terminando sempre com a reprodução de músicas também de há um século. Dessa maneira, aquilo que à primeira vista é nada mais que um “relato” que se cola à experiência banal e cotidiana da solidão em quarentena, abre-se para uma reflexão sobre aquilo que foi, para muitos de nós, uma experiência de algum acalento encontrada na convivência com a poesia, com a música, com o passado, com uma comunidade dos fantasmas que trazemos conosco a cada passo. É estar só, mas não solitário e é também, poder ser a vizinha de Cesário: criar uma vizinhança poética.

O poema “Quarentena”, porém, não nos encaminha para o lugar da comunidade trazida à tessitura poética que nos diverte na leitura. Ele nos transporta para uma potência quase premonitória da poesia, ao recuperar, no primeiro verso, o título do último livro publicado até então pela autora, *Estar em casa*, editado em 2018. O horizonte catastrófico anunciado nessa repetição de si mesma se alia à solidão, ao tédio, à incerteza, à mais apurada experiência da lentíssima passagem do tempo nos primeiros dias da quarentena, quando não sabíamos quanto tempo mais o confinamento duraria.

Também a data aposta no poema é significativa e, sobretudo, a indicação da hora: 11h14. Se a datação e a aposição do horário nos dão um recorte muito específico, “sobrelocalizando” o momento de escrita do poema (que poderia mesmo ter sido escrito no transcorrer de um único minuto, se considerarmos a sua pequena extensão), funcionalmente, esse recurso aponta na direção contrária. Ele provoca uma absoluta suspensão do tempo: o minuto não passa, parece que não chegará jamais a ser 11h15, dura para sempre.

## 2. Poesia e pandemia: na sala de aula

Em abril de 2022, momento de retorno ao ensino presencial na UFRJ, foi preciso encarar a continuidade do “tempo de indigência”, no “infinito pior” do neoliberalismo num país como o Brasil. Naquele momento, no curso noturno de graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa, licenciatura, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o cenário era ainda de crise.

Após dois anos de vida universitária reduzida às suas telas de celular, com conexão intermitente, acesas no transporte público, no ambiente de trabalho, numa casa onde moram outras pessoas igualmente ocupadas em tarefas cotidianas e remotas, os alunos que chegavam ao *campus* do Fundão deviam enfrentar antigas pedras no seu caminho: o trânsito, a redução da frota de ônibus na cidade, a dificuldade para conseguirem jantar no bandeirão, a contínua degradação da estrutura universitária para os receber. Havia, porém, novos problemas: a perda do sentido do mundo nos últimos anos, provocada pela combinação indigente da pandemia de Covid-19: desemprego, redução da renda familiar, luto, doença, solidão, ensimesmamento.

O sentimento de crise que atingiu dimensões imprevistas a partir de março de 2020 no Brasil não é novo, tampouco é resultado *apenas* da pandemia num dos países mais afetados pelo coronavírus. É um efeito conseguido pelo contínuo aprofundamento da desigualdade social, articulado a fatores como o desmonte paulatino do sistema público de saúde e cortes orçamentários da educação pública, sentido igualmente na UFRJ. No contexto pandêmico, o enfraquecimento das estruturas públicas de saúde e educação da última década está diretamente relacionado ao agravamento do impacto causado pela doença.

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de se considerar dois fatores concomitantes e sobrepostos: um, relacionado à pandemia de Covid-19, outro, à contínua desmontagem da educação superior pública federal. Os cortes orçamentários incidem desde 2017 sobre as universidades Brasil afora, em articulação com propostas como a da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 206/19, que prevê a cobrança de mensalidades a parte do corpo discente. A redução progressiva do orçamento instaura transversalmente no corpo universitário o sentimento de crise, ameaçando, particularmente, os alunos de graduação no estado do Rio de Janeiro e as suas condições de permanência nos cursos.

As dificuldades cotidianas enfrentadas pelos estudantes na universidade pública impactam diretamente o retorno à sala de aula e aos encontros presenciais. Elas têm igualmente ressonâncias para a professora dedicada ao ensino de literatura e, especificamente, ao de poesia. Os relatos ouvidos nos cursos de Poesia Portuguesa que ministrei na Licenciatura noturna em Letras: Português e Literaturas da UFRJ de abril de 2022 a julho de 2023 contemplavam, ainda, a dificuldade de fazer

as leituras em tempo adequado, dada a rotina de trabalho e deslocamento dos graduandos, além do desafio encontrado na compreensão inicial dos textos — e dos poemas, em particular.

Ainda que o último levantamento feito pelo Instituto Pró-Livro, “Retratos da Leitura no Brasil”, datado de 2020, tenha detectado um aumento no número de leitores no país, a percepção da qualidade da leitura na universidade caminha no sentido inverso. Assim, mais do que o compromisso com a transmissão de conteúdos programáticos das ementas dos cursos, com a apresentação de principais autores, movimentos artísticos e temas centrais da produção literária dos períodos contemplados, os cursos ministrados passaram a ter, como nó central a ser deslindado, as dificuldades primeiras de leitura e compreensão. Os obstáculos apareciam quer na formação de imagens promovidas pelos poemas, quer, num nível mais fundamental, na compreensão da articulação sintática dos versos. São reflexos da dificuldade dos alunos no domínio de códigos primeiros de análise poética (quais sejam rima, métrica, ritmo, verso ou estrofe), e das limitações para um contato abrangente com o poema que o perceba como totalidade semântica, âmbito no qual os alunos tendem a reduções imediatistas e paráfrases simplistas do texto.

A sensação, compartilhada com colegas professores na Faculdade de Letras da UFRJ desde o retorno como professora substituta de Literatura Portuguesa, ainda durante o período de ensino remoto, é a de que os alunos tinham maior dificuldade na troca de impressões sobre os textos, menos interesse em participar das discussões, um rendimento inferior ao que obtinham anteriormente e uma redução do comparecimento às aulas. Desde o retorno ao ensino presencial, em abril de 2022, as dificuldades percebidas no período remoto persistiam, ainda aliadas à tendência a abandonar os cursos durante o semestre letivo.

Em artigo publicado em maio de 2022, Jonathan Malesic, professor universitário estadunidense, constatou uma situação semelhante a partir da comparação da sua percepção com a de colegas seus, no retorno ao ensino presencial neste ano. Seu título, “My College Students Are Not OK”, se encaixa bem na contextualização que apresentamos aqui. Comentando a avaliação feita por uma colega professora, Malesic observa:

Dr. Austin said the quality of her students’ work had not recovered after the return to campus. [...] Now, she told me, the students in her classroom often met her questions with blank stares. “This is like being online!” she said. That was my experience, too. In my classes, it often seemed as if my students thought they were still on Zoom with their cameras off, as if they had muted themselves. (MALESIC, 2022, s/n.p.)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A Dra. Austin disse que o trabalho dos seus alunos não havia melhorado após o retorno ao campus. [...] Agora, ela me relatou, os alunos em sala com frequência respondiam às suas perguntas com



Ao que parece, a dispersão dos alunos é tanto mais potente quanto menor foi o seu contato com o ambiente universitário pré-pandemia. Uma das turmas em que lecionei de abril ao início de agosto de 2022, composta majoritariamente de estudantes da graduação que ingressaram na universidade durante o período de isolamento e de distanciamento social, obteve um rendimento sensivelmente inferior ao de turmas cujos alunos já haviam frequentado a Faculdade de Letras em regime presencial. Um dos fatos que se destacou foi a reformulação completa do programa planejado, devido à constatação de que era necessário revisar e ensinar conceitos fundamentais para a análise de poesia. Foi preciso pôr em debate as tendências dos estudantes à paráfrase, ao comentário biografista dos poemas e à busca pela intenção do autor, costumes de leitura que não se esperam de alunos já na segunda metade da sua formação em Letras. Seja nesta, seja nas turmas com alunos mais adiantados na graduação, no entanto, a sensação de desânimo foi igualmente percebida. Mais grave, ela parece atravessar diferentes áreas e níveis de escolaridade, e marcar o período pós-abertura em outros lugares do mundo, como constatamos com Malesic (2022).

Estamos passando, portanto, por um momento crítico do ensino. No entanto, não nos parece que o caminho a tomar seja abandonar a leitura dos objetos que constituem o *corpus* das disciplinas, muitos deles pertencentes ao elenco da erudição tantas vezes vista como prerrogativa de uma elite social. A garantia do direito do acesso dos alunos à produção literária portuguesa tem como corolário o contato com reflexões a respeito da relação entre poesia e política, poeta e humanidade, feitas em Portugal, em tempos de indigência como o que vivemos hoje. Como propõe Jorge Fernandes da Silveira, em seu projeto em desenvolvimento junto ao CNPq, há uma “trágica contemporaneidade” que emerge no contato com a literatura portuguesa e suas figuras reincidentes:

São relatos de situações de conflito entre o sujeito e a sua circunstância, em que, na passagem do icônico herói épico navegante para o pobre imigrante de triste figura, impressiona a gigantesca presença do refugiado, pela sua trágica contemporaneidade, e, logo, impondo-se como questão que hoje interessa mais sobre a condição humana. (SILVEIRA, 2021, s/n.p.)

A leitura de produções de outro tempo e de outro lugar, portanto, não se faz sem a reflexão sobre nosso próprio tempo e lugar de sujeitos em leitura, em experiência de contato com o outro. Como aponta Silveira, encontra-se em versos portugueses como os de “Opíario”, de Álvaro de Campos, a “notícia urgente da

---

olhares vazios. “É como estar on-line!”, ela disse. Era a minha experiência, também. Nas minhas aulas, muitas vezes, meus alunos pareciam pensar que continuavam no Zoom com suas câmeras desligadas, como se eles tivessem mutado a si mesmos.

economia cultural portuguesa, do desemprego do poeta diante da falência do mar na cartografia da metáfora estruturante do destino glorioso português” (SILVEIRA, 2021, s/n.p.), urgência que se sente hoje na economia cultural brasileira, diante da iminente falência de um projeto humanista pautado na potência da palavra. Buscamos, portanto, garantir que a ampliação do acesso à universidade não tenha como único horizonte a maior especialização voltada para o mercado de trabalho. Num primeiro momento de análise desse problema, o projeto de acessibilidade ao ensino superior deve andar lado a lado com o incentivo contínuo e prolongado a práticas de leitura e de discussão de textos.

Nessa toada, julgamos oportuno convocar o ensaio “O direito à literatura”, de Antonio Candido (2004), para quem a fruição da arte e da literatura em todos os níveis sociais e em qualquer modalidade, sejam elas populares ou eruditas, constitui um direito inalienável. Escrito em 1988, ano da promulgação da Constituição Federal, o texto de Candido revela, em seu fundo, uma atitude otimista diante de uma certeza de “progresso” relativamente à justiça social, à felicidade coletiva e às possibilidades de ampliação do acesso à cultura. Para ele, a atenuação da situação atroz se dá pela observação de uma redução da aceitabilidade do discurso celebratório da barbárie, de uma mudança no âmbito da enunciação. Hoje, podemos reavaliar o sentido do progresso apontado por Candido na mesma chave, observando um paulatino retorno da proclamação da barbárie e da tentativa de banalização da morte e das violências via discurso. Diante dessa dimensão fundamentalmente *discursiva* da atrocidade que se apresenta, a poesia, enquanto evento na língua, aparece-nos como campo fundamental de atuação e de disputa imaginativa sobre a experiência cotidiana.

### 3. Respostas possíveis

No currículo da graduação em Letras, a limitação ao contato “conteudista” com as produções poéticas nos apareceu como a contradição central diante do cotidiano vivido pelos alunos, por trabalharmos com um *corpus* composto de obras de poetas — apenas a título de exemplo, podemos indicar Jorge de Sena, Carlos de Oliveira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Mário Cesariny e Ana Hatherly — para quem a poesia é frequentemente pensada como direito inalienável do humano, garantidor da experiência de dignidade e de liberdade e compromisso social e histórico para com o passado, o presente e o futuro. No âmbito do estudo de literatura estrangeira, a necessidade de fundamentação histórica e cultural e de articulação contextual das práticas artísticas por vezes parece limitar a possibilidade de usufruto estético. Levantava-se, assim, a importante pergunta: diante da dificuldade primeira de leitura dos estudantes, não estaríamos reduzindo o trabalho em sala a uma leitura excessivamente social e histórica das obras, preterindo a experiência estética como aspecto secundário do contato com a arte?

Como resposta inicial tentada desde abril de 2022, a prática em sala tem vindo a abrir caminhos para a criação dum espaço de comunidade, com o estabelecimento dum laço de confiança na troca de experiências com o poético, diretamente ligado à minha atuação como professora e promotora insistente desse espaço. Já a partir deste ano de 2023, comecei uma “Oficina de leitura e experiência de poesia em tempos de indigência” como atividade extracurricular na Faculdade de Letras da UFRJ. Nela, não procuro apenas dar aos alunos instrumentos fundamentais para a análise poética, lidando com os problemas imediatos da recepção e da fruição transformadoras da poesia, mas trazer ao centro da cena os termos “tempo”, “dificuldade” e “resistência”. São as palavras-chave que podem traduzir a experiência primeira de estranhamento com a poesia, mas que indicam principalmente a potência própria da poesia: no tempo que instaura, na dificuldade que impõe e na resistência da sua alteridade, perturbar, transtornar, suspender, interromper.

Como aponta a crítica Silvina Rodrigues Lopes, em *A anomalia poética* (2019), recuperando a definição romântica de poesia, é preciso pensá-la como

uma das radicais maneiras de desfixar o imaginário, isto é, de desfazer as fórmulas susceptíveis de produzir imagens verosímeis, manipuláveis e redutíveis a um valor de troca. Fá-lo ao propor figuras que respondam ao ilimitado dos acontecimentos porque têm em si o poder de garantir o conflito. (LOPES, 2019, p. 15)

Faz-se necessário, porém, encarar as condições de possibilidade do contato com a potência conflituosa da poesia. Neste momento, parece-nos incontornável a necessidade de lidar com os problemas imediatos da recepção e da fruição transformadoras da poesia. O objetivo das ações da investigação é o de recuperar, a nível individual e na formação de uma pequena *comunidade em leitura*, a potência imaginativa resultante do contato íntimo com a poesia.

Tenho buscado, portanto, garantir que a ampliação do acesso à universidade pública não tenha como único horizonte a maior especialização voltada para o mercado de trabalho. Acredito que o projeto de acessibilidade ao ensino superior deve andar lado a lado com o incentivo contínuo e prolongado a práticas de leitura e de discussão de textos, como o que propomos com o desenvolvimento e oferta de oficinas de leitura de poesia para alunos do curso noturno em Letras da UFRJ. Desse modo, destacamos a necessidade de criação e de insistência nesse espaço enquanto prática pedagógica libertária e, conseqüentemente, reivindicamos a dimensão política envolvida nesse ato. A defesa de uma nova partilha do sensível deve significar, portanto, ir além das necessárias políticas de assistência estudantil para a defesa do acesso e permanência na universidade pelos alunos, repensando no que consiste o direito à experiência cotidiana sensibilizada pela poesia. Nesse

sentido, um projeto pedagógico voltado para a poesia é, também, um projeto político em potencial.

A experiência de produção incessante de imagens em um objeto onde “tudo, simultaneamente, tem as propriedades da verdade e do erro, da razão e da loucura, do que foi encontrado e do que foi perdido, é transformar a realidade depois de a haver transtornado – é fixar, violentando a realidade ‘presente’, um novo real poético (uno)” (CESARINY, 1985, p. 89). Esse real poético quem o dá é o surrealismo, é a intervenção surrealista, é a poesia.

LESSA, M. S. P. Reading and experiencing poetry in times of indigence. **Itinerários**, Araraquara, n. 57, p. 71-83, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *And why poetry in times of indigence? We suggest a twist on the question originally proposed in a verse from “Bread and Wine”, a poem by Hölderlin, and a move from 19th century Germany to the Brazilian public university of 2023. The sense of crisis that has reached unforeseen dimensions since March 2020 is not new, nor is it “just” the result of the pandemic in one of the countries most affected by the coronavirus. In this article, we present assumptions from the research we are currently conducting “Experiencing Poetry: a poetic project for times of indigence”, reflecting on the progressive loss of meaning of the world in recent years, caused by the indigent combination of the Covid-19 pandemic with unemployment, mourning, loneliness and self-absorption and its impacts on working with poetry in the classroom with undergraduate students in Literature. We start from the conception of Poetry inferred from our work with the life/work of Mário Cesariny, in his surrealist and romantic dialog: an affirmation - not necessarily linked to the writing of verses - of a revolted and passionate way of life, raised everyday against everyday life, in order to shed light on an incessant production of images of desire. It will then be possible to return to written production to perceive poems as disruptive and disturbing powers of the imaginative limits established by the rhetoric of permanent crisis and its daily effects. It seems urgent to adopt other didactic strategies for accessing an experience with poetry in a scenario of growing misery and violence, which have a direct impact on the possibilities for the liberating realization of the poetic image.*

■ **KEYWORDS:** *Poetry. Covid-19 pandemic. Surrealism. Teaching poetry.*

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França**. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moysés. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. **Vários escritos**. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CESARINY, Mário. **A intervenção surrealista**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985.

LOPES, Adília. **Dias e dias**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2020.

LOPES, Silvina Rodrigues. **A anomalia poética**. Belo Horizonte, MG: Chão da Feira, 2019.

MALESIC, Jonathan. My College Students Are Not OK. **The New York Times**, New York, May 13, 2022. Opinion Guest Essay. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2022/05/13/opinion/college-university-remote-pandemic.html> >. Último acesso em 28 de novembro de 2023.

RETRATOS da leitura no Brasil. Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural. 5ª ed. 2020. Disponível em: < <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> >. Último acesso em 28 de novembro de 2023.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. O retorno do épico: a nau e a nave. **Metamorfoses**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2010, p. 33-40.

\_\_\_\_\_. **1941, Hannah Arendt em Lisboa: Imaginação e memória**. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq em Julho de 2021. *mimeo*.

SÜSSEKIND, Pedro. Poesia em tempos de indigência. **Viso: cadernos de estética aplicada**, v. I, n. 2, mai-ago 2007, p. 28-37.

VERDE, Cesário. **O livro de Cesário Verde: 1873-1886**. Posfácio e fixação do texto de António Barahona. 2ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

